

Entrevista/Depoimento Oral

Agosto de 68 na UnB

Marli Guedes da Costa (Gerente da Gerência de Pesquisa - ArPDF), Maria Vilar Ramalho Ramos (Assistente da Gerência de Pesquisa - ArPDF) e Tereza Eleutério de Sousa (Chefe do Núcleo de Pesquisa e História Oral - ArPDF)

"Quer dizer, então a gente foi pela própria realidade de vida levado a uma politização, ou pelo menos a ter uma visão crítica da sociedade, a ver que tinha coisas que não podiam permanecer do jeito que estavam, que uns tivessem tanto e outros nada. Quer dizer, isso marca muito nessa fase de idade a cabeça do jovem. Então eu falo que eu já nasci rebelde pelo fato de ter nascido mulher mas à custa da minha mãe."

Ivonette Santiago de Almeida

Ivonette Santiago de Almeida, mineira, mudou-se para Brasília na década de 60. Ingressou como estudante na Universidade de Brasília, em 1967, para cursar Medicina. Em seu depoimento, concedido ao Programa de História Oral do Arquivo Público do DF em setembro de 1992, ela discorre sobre aspectos da sociedade nos anos 60, fazendo uma introdução à articulação e ao posicionamento dos estudantes contrários à ditadura militar. Bastante ilustrativa, sua fala transporta o leitor àquele período obscuro da história brasileira.

"E se houve um momento, nos anos de ouro posteriores a 1945, que correspondeu ao levante simultâneo com que os revolucionários sonhavam após 1917, foi sem dúvida 1968, quando os estudantes se rebelaram desde os EUA e o México, no Ocidente,

Entrevista/Depoimento Oral

até a Polônia, Tchecoslováquia e Iugoslávia, socialistas, em grande parte estimulados pela extraordinária irrupção de maio de 1968 em Paris epicentro de um levante estudantil continental”(HOBBSAWN, 1995, p. 292-3).

Assim como nos países citados pelo historiador inglês Eric Hobsbawn, o Brasil, e mais precisamente Brasília, também viveu nesse ano intensa movimentação estudantil. Com a conivência do então reitor Caio Benjamin Dias a Universidade de Brasília foi invadida por duas vezes em 1968.

Na madrugada de 22 de junho, cerca de 100 homens da Polícia Militar ocupou o campus da UnB. A operação policial tinha por objetivo impedir a assembléia geral dos estudantes, marcada para aquele dia. Na assembléia seria deliberada uma manifestação contra os acontecimentos da “sexta-feira sangrenta”(dia 21), na cidade do Rio de Janeiro, onde cerca de 1000 pessoas foram presas, 57 ficaram feridas e houve 3 mortes. A ocupação da Universidade resultou na prisão de mais de 400 universitários e muitos deles foram surpreendidos ainda dormindo em seus alojamentos. Os estudantes protestaram contra tal atrocidade invadindo o Congresso Nacional nesse mesmo dia, prometendo ali permanecer até que o campus universitário fosse desocupado pelas tropas policiais.

Em 29 de agosto, 100 agentes do DOPS acompanhados por 200 soldados da PM invadiram, às dez horas da manhã, novamente a UnB, desta vez com o intuito de prender o presidente da Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília Honestino Monteiro Guimarães e os estudantes Paulo Ramos Cassis, Paulo Speller, Samuel Yusuru Babá e Mauro Mota Burlamaqui, que tinham prisão preventiva decretada pela Auditoria da 4a. Região Militar. Foi um dia marcado pela violência policial, a prisão de Honestino Guimarães e vários outros estudantes, e o protesto de parlamentares que se dirigiram ao campus logo que souberam da invasão.

Entrevista/Depoimento Oral

Para este primeiro número da revista do Arquivo Público do Distrito Federal, selecionamos trechos da entrevista em que Ivonette Santiago descreve as invasões ocorridas no campus da UnB e a resistência dos estudantes¹.

Como foram as invasões no campus em 68?

Foram tantas e várias. A que eu me lembro com muita nitidez... eu me lembro de algumas com mais clareza. Por exemplo, eu me lembro que muitas vezes eles cercavam a Colina, onde tinha alojamento de estudantes, então eram pequenas invasões. Ou então invadiam a entrada da Universidade e ficavam ali, triando os estudantes que passavam, e certamente mais procurando as lideranças. Outras vezes eles cercavam a Universidade já na L2², e aqueles prédios antigos ali da Asa - que se chamava Asa Norte Residencial - onde tinham uns blocos condenados pela construção, com rachaduras. E os estudantes que não tinham onde morar invadiram esses blocos e transformavam em repúblicas os apartamentos. Na parte de cima desses blocos, muitas vezes via-se uma pessoa com um binóculo: eram estudantes que estavam fazendo segurança para as lideranças. Mas, às vezes, tinha cerco da polícia desde a entrada da L2.

A invasão de agosto de 1968

Mas a invasão que foi bastante violenta e que me marcou muito, foi a de agosto de 68. Nós estávamos assistindo aula, o curso começava às 7 horas da manhã. Às 6h45, os estudantes já estavam ali dentro,

¹ Para publicação realizou-se uma edição da entrevista, mantendo-se, no entanto, a fidelidade à sua fala.

² L2 Norte: uma das avenidas principais de Brasília e uma das vias de acesso à Universidade de Brasília.

Entrevista/Depoimento Oral

praticamente andando dentro do campus. E começamos a aula. Em torno de umas 9, 10 horas da manhã, me lembro que eu estava no laboratório de Endocrinologia, no ICC³ - o curso de Medicina era dado no ICC, era junto com a Biologia, eram vizinhos e era no subsolo desse laboratório - então a gente ouviu um barulho de vozes, e de vozes tanto de pessoas comentando “invasão, invasão, polícia, polícia” e também dos próprios policiais “vamos caçar os comunistas”. Procurando e entrando pelo ICC, dando tiros e jogando bombas de gás dentro das salas de aula para que os alunos saíssem das salas de aula, dos laboratórios. E me lembro que nesse laboratório, em boa parte dos laboratórios da Medicina, entravam soldados com fuzil, baionetas. Com a parte mais larga do fuzil eles batiam nos aparelhos de precisão - que nós tínhamos ganho das Universidades da Europa - e “pá”, via-se o aparelho rolando, quebrando.

Nesse dia foi assim, um choro coletivo, eram todos os professores da Medicina, os alunos, todos chorando, por conta de ver destruída a sua Universidade. Eu me emociono quando falo sobre isso. Então veio uma indignação muito grande dos estudantes. E essa invasão, ela tinha o objetivo de fazer uma triagem política: levar presos os líderes, principalmente Honestino Guimarães, e mais outros. E então nós fomos surpreendidos por essas bombas de gás no subsolo do ICC.

Um colega que chegou, era da minha turma - ele fez Psicologia e Psiquiatria na França, e já deve estar no Brasil, não sei se ele retornou mas parece que sim -, entrou chorando, com os pés cortados por vidros. Quando a polícia invadiu o campus (onde era a antiga reitoria - se vocês localizarem a Faculdade de Educação, aquela rampa ali era a rampa tradicional da reitoria, e a FEUB⁴ ficava em frente, era um

³ Instituto Central de Ciências. Conhecido também como Minhocão.

⁴ Federação dos Estudantes da Universidade de Brasília.

Entrevista/Depoimento Oral

barraco de madeira com janelas de madeira e vidro). E então a polícia já veio dali dando tiros e jogando bombas de gás pra prender Honestino. Os colegas, pra fugir do barraco de madeira, pularam pelas janelas de vidro. E então esse colega chegou chorando, todo cortado. E a gente não conseguiu lhe dar a devida proteção. Ele foi preso, torturado e hospitalizado no HDB⁵. Isso me marcou muito.

O outro fato que me marcou, ocorreu nesse mesmo dia da invasão. Os policiais colocaram os estudantes todos em fila indiana e mão na cabeça, e quem chiasse levava coronhada de fuzil. Quando eles se aproximaram da ponta do ICC, onde funcionava a Engenharia, o Valdemar⁶, que era um estudante da Engenharia, chegou na parte de cima - tem um patamar assim, aquela parte de cima do ICC, onde hoje ficam as secretarias, departamentos, salas de professor - olhou para baixo, e quando pôs a cabeça levou um tiro, um tiro ao acaso. Mas esse tiro ao acaso poderia ser destinado a qualquer estudante, e portanto intencional. Não foi simplesmente uma arma que disparou, eles certamente achavam que ele estava ali simulando qualquer situação. E então ele foi uma vítima nesse momento de 68, além dos que foram presos e de outros que tiveram que ficar clandestinos, que perderam cursos.

As greves e passeatas

Em seguida nós fizemos uma greve na Universidade e não retornamos enquanto não denunciassem na imprensa tudo que tinha acontecido. E ficamos, a maioria dos estudantes, traumatizados, porque você, às vezes, tinha que rastejar pra não levar tiro de fuzil. E

⁵ Antigo Hospital Distrital de Brasília, atualmente Hospital de Base do Distrito Federal (HBDF).

⁶ Valdemar Alves da Silva Filho.

Entrevista/Depoimento Oral



Estudante baleado durante a invasão da UnB
Fundo SCS - GF (ficha 2024)
Data: 12/09/68. Acervo ArPDF
Reprodução: Lucas Neiva

os caras iam levando todo mundo em fila indiana para aquela praça, na quadra de esporte. Eles pediam as carteiras de identidade, liberavam alguns, e mandavam outros ficarem dentro da quadra, e seguravam as carteiras de identidade. Nós fomos ficando no sol o tempo que eles acharam necessário, até o final da operação, com a triagem de vários estudantes.

Em seguida, nós fizemos uma passeata. A Universidade não devia ter mais do que 1.500 estudantes. Saímos da Universidade em passeata, acho que foi no final da tarde, e nos dirigimos ao Cine Brasília, onde tinha uma praça. Geralmente as passeatas ocorriam e se concentravam ou na Igrejinha ou na W3, próximo da 306 e do Cine Brasília⁷. E nós conseguimos levar para a rua 6 mil pessoas. Era quatro vezes o número de alunos da Universidade de Brasília.

⁷Os locais aos quais a entrevistada se refere são próximos à avenida W3 Sul, uma das principais de Brasília.

Entrevista/Depoimento Oral

Equivaleria, hoje, os estudantes conseguirem levar 40 mil pessoas à rua, porque tem em torno de 10 mil na Universidade. Fizemos então o protesto, denunciemos as prisões, denunciemos a invasão, e daí em diante a gente foi só fazendo movimentação. Os estudantes não se deixavam intimidar não, sabe? Terminava um ato desse, a gente estava disposto a reorganizar tudo e começar.

José Carlos de Azevedo

A partir dessa invasão, entrou o Azevedo⁸- porque o reitor era o Caio Benjamin Dias⁹- como vice-reitor. Ele ganhou o apelido de vice-rei, pelo absolutismo com que assumiu a vice-reitoria. Ele, praticamente, negou o reitor da época. Assumiu como um interventor. E então nós... Aí tinha várias manifestações. “Fora Azevedo” nasceu a partir dessa invasão. Tinha manifestações que a gente fazia dentro da reitoria. E me lembro que uma das manifestações - que eu pude assistir dentro da reitoria - foi uma entrada solene dos estudantes protestando contra o Azevedo, os seus atos na Universidade. Ele recebeu um estudante com pontapés, na rampa. E aí a massa de estudantes invadiu mesmo a reitoria, picharam lá dentro “Fora Azevedo, Abaixo a Ditadura”, e inclusive jogaram-no da rampa. Veio o coronel Lister, que ocupava um cargo administrativo, que eu não

⁸ José Carlos de Azevedo foi vice-reitor nas gestões de Caio Benjamin e Amadeu Cury, no período de 3 de novembro de 1967 a 25 de maio de 1976. Sua gestão como reitor compreende o período de 25/05/1976 a 25/05/1980. Sua segunda gestão abrangeu o período de 25/03/1980 a 13/03/1985. Sua administração foi marcada por perseguições, invasões e repressão às manifestações estudantis, entre elas: a expulsão de 30 alunos, e a suspensão de 32 no dia 18/06/1977; o enquadramento de 6 estudantes na Lei de Segurança Nacional; abertura de inquéritos contra alunos que participaram da greve e a detenção de 70 pessoas, incluindo alunos e jornalistas, como consequência da greve deflagrada em protesto contra a suspensão de 16 estudantes em 30/05/1977.

⁹ Reitor no período de 03/11/1967 a 25/03/1971.

Entrevista/Depoimento Oral

sei qual que era, que também quis enfrentar fisicamente os estudantes. Então a gente não era agredido só pela polícia, a própria reitoria era também uma agressão, uma agressão aos estudantes. E o Azevedo, quando ele podia, agredia fisicamente também. Ele provocava para poder triar também os estudantes, que seriam as próximas vítimas das cassações dele.

As lideranças estudantis

O restaurante da Universidade era um restaurante de madeira, onde, de modo geral, quase constantemente realizavam-se manifestações políticas. Os estudantes chegavam, as lideranças subiam nas mesas, faziam os discursos, aí se aplaudia, dali já começava uma mobilização, já eram chamados os centros acadêmicos a participarem. E a tarefa do Azevedo, então, era exterminar as lideranças políticas de estudantes, de professores também - mas aí eram outros mecanismos que eu não tinha bem claro na época - e levar ao fechamento os diretórios estudantis. Aos poucos, os diretórios foram se extinguindo. Ou se extinguiram porque não tinha mais pessoas dispostas a assumir. Era muito raro você não ter um diretório que não tivesse uma liderança, mas às vezes o curso era pequeno, o número de alunos era pequeno, a pessoa ficava muito vulnerável. Então começamos a fazer reunião interdiretórios, ou então essas pessoas estavam na clandestinidade e eram eleitos presidentes de diretórios, quase não faziam parte da diretoria. Mas vários tinham uma luta de resistência, principalmente os mais fortes, os que tinham maior número de alunos, os cursos que eram mais... tradicionais, eu não digo mais respeitados, porque naquela época se respeitava todas as formas de conhecimento dentro da Universidade. Mas tinha cursos que tinham um certo peso na sociedade: a Engenharia, a Geologia, a Medicina, o curso de Psicologia, a Artes. O Instituto Central de Artes,

Entrevista/Depoimento Oral

inclusive foi fechado, porque era um local de constante contestação política e foi fechado; o curso de Cinema foi fechado, o Teatro. Tudo que fosse capaz de levar a qualquer grau de politização dos estudantes foi fechado. Então esses cursos técnicos tinham - até pelo próprio programa que estava sendo desenvolvido - mais força. E aí a gente foi fazendo o grupo de resistência, mantendo os diretórios. E me lembro que o diretório da Medicina foi um dos últimos a ser fechado.

Funcionamento dos diretórios

Para você ter idéia da falta de liberdade do estudante, um papel, um panfleto, qualquer coisa que fosse distribuída, tinha um agente do SNI ou um agente da reitoria que averiguava em qual máquina de escrever aquele documento havia sido datilografado. E a máquina de escrever também era cassada, seqüestrada, e o mimeógrafo também. Então tínhamos nos diretórios um mínimo de infra-estrutura, com máquina de escrever, mimeógrafo, com, por exemplo, coleções de tintas pra fazer os cartazes, as campanhas eleitorais, os cartazes que iam para as manifestações, para o trote. O trote, por exemplo, era uma caminhada da Universidade até a W3. Então a gente tinha lá nosso material, nossos pincéis, tudo isso era considerado material subversivo, desde a máquina de escrever ao mimeógrafo e os pincéis.

E então a gente assistiu ao fechamento dos diretórios. Acredito que essa resistência foi de 68 até 1971. Depois houve um tempo em que esses diretórios ficaram todos fechados. E a qualquer tentativa dos estudantes se reorganizarem, eram cassados ou expulsos. Me lembro que a geração da Arlete Sampaio¹⁰, que foi uma geração bem depois da minha, tentou reorganizar os diretórios, e até conseguiram,

¹⁰ Médica sanitária, foi expulsa da UnB em 1977. Ocupa atualmente o cargo de vice-governadora do Distrito Federal.

Entrevista/Depoimento Oral

porque houve outra invasão, mas eu não participei, porque não era mais aluna. Não vivenciei, a não ser como espectadora, que foi a de 77, quando foram - eles chamam os "capa-preta" - que foram todos os militares, os policiais vestidos de máscaras, e todos de preto, como a Patamo¹¹. Foi nessa época, a tentativa de reorganizar.

E, de lá pra cá, o movimento estudantil veio sofrendo seus altos e baixos, até mesmo um arrefecimento de grupos políticos, outras vezes até o acirramento, os sectarismos de grupos políticos que também dificultaram os estudantes de se reorganizarem. Mas ele cumpriu essa função, sabe? Cumpriu na Universidade. Eu só lembro da figura do José Carlos Azevedo, a figura do interventor, a figura do carrasco, do perseguidor de estudantes, do perseguidor de professores, perseguidor da inteligência e de qualquer liberdade de manifestação política e ideológica. Então ele foi o fiel cumpridor do papel do SNI na UnB.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

HOBBSBAWN, ERIC J. *A Era dos Extremos: o breve século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹¹ Patamo: Patrulhamento Tático Móvel realizado pela Companhia de Polícia de Choque, ligada à Polícia Militar do Distrito Federal.